



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE PEDAGOGIA



IVANA MAYARA LIMA OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
A EVASÃO ESCOLAR NA PANDEMIA DE COVID-19**

Picos-PI

2022

IVANA MAYARA LIMA OLIVEIRA

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
A EVASÃO ESCOLAR NA PANDEMIA DE COVID-19

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em
Pedagogia, Campus
Senador Helvídeo Nunes
de Barros-CSHNB,
Universidade Federal do
Piauí-UFPI, curso de
Licenciatura em
Pedagogia, como
requisito para obtenção
do título de graduada em
Pedagogia.

Orientador:

Prof. Francisco José Dias da Silva

Picos-PI

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

Divisão de Representação da Informação

O48e Oliveira, Ivana Mayara Lima.
Educação de jovens e adultos : a evasão escolar na pandemia de
COVID-19 / Ivana Mayara Lima Oliveira. -- 2022.
63 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal do Piauí, Curso de Pedagogia, 2024.
“Orientador: Prof. Francisco José Dias da Silva.”

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Covid-19. 3. Evasão Escolar.
I. Silva, Francisco José Dias da. II. Título

CDD 374.098 1

Elaborado por Fabíola Nunes Brasilino CRB 3/ 1014

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus e a Jesus Cristo por me proporcionar essa experiência incrível, pois sempre tive o desejo de me formar e estar completando esse sonho.

À minha mãe, Antônia Lima do Carmo Oliveira e, à minha irmã, Ingrid Mellyne Lima Oliveira, que sempre me incentivaram a batalhar por continuar e nunca desistir desse ciclo que foi um dos mais importantes da minha vida.

Aos meus filhos Lara Evellyn e Anthony Ravi, as maiores motivações a continuar em busca dos meus objetivos.

Às amigas da universidade Cecília e Jônia, que sempre estiveram comigo nessa batalha.

Aos professores que estiveram dispostos a me ajudar e a contribuir para um melhor aprendizado; e em especial ao meu orientador Francisco Dias, que se dedicou ao máximo para que meu sonho se tornasse realidade.

Enfim, a todos que nesse período drástico de doença não puderam concluir seus cursos; um período árduo que tomou de conta das vidas das pessoas, por ser um desafio constante.

Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se melhorando, mas porque gente, capaz de negar valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir.

Freire, 1996.

RESUMO

Este estudo, considerando o cenário pandêmico da Covid-19 que assola o Brasil e ao mundo, surge de uma inquietação em observar como vem se dando o processo de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos – EJA; verificando a problemática da evasão escolar neste contexto. Sabe-se que esta modalidade de ensino se configura como um desafio aos profissionais da educação no sentido da natureza muito peculiar do trabalho docente. Nesta perspectiva, é objetivo deste estudo fazer uma pesquisa bibliográfica acerca do processo de ensino e aprendizagem na EJA, no contexto das aulas remotas em função da epidemia da Covid-19. A pesquisa está fundamentada em autores, como: Anzorena; Benevenuto (2013); Fonseca (2002); Freire (1996), Santos (2020), dentre outros, dando a este trabalho monográfico um teor de cientificidade. Por fim, espera-se que iniciativas para a manutenção do vínculo dos estudantes com as escolas seja concretizado, sendo respeitados os protocolos sanitários e de biossegurança em todos os ambientes educacionais, trabalhando de maneira gradual o retorno presencial.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Covid-19. Evasão Escolar.

ABSTRACT

This study, considering the Covid-19 pandemic scenario that plagues Brazil and the world, arises from a concern to observe how the teaching and learning process in Youth and Adult Education - EJA has been taking place; verifying the problem of school dropout in this context. It is known that this type of teaching is configured as a challenge to education professionals in the sense of the very peculiar nature of teaching work. In this perspective, the objective of this study is to carry out a bibliographic research about the teaching and learning process in EJA, in the context of remote classes due to the Covid-19 epidemic. The research is based on authors such as: Anzorena; Benevenuto (2013); Fonseca (2002); Freire (1996), Santos (2020), among others, giving this monographic work a scientific content. Finally, it is expected that initiatives to maintain the bond between students and schools will be implemented, with sanitary and biosafety protocols being respected in all educational environments, gradually working the face-to-face return.

Keywords: Youth and Adult Education. Covid-19. School Dropout.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11	
CAPÍTULO I		
CARACTERIZANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS14		
1.1 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EJA.....	16	
1.2 A EJA ATRAVESSANDO GERAÇÕES	18	
1.3 OS DESAFIOS ENCONTRADOS PELA DOCÊNCIA	21	
CAPÍTULO II		
O FENÔMENO DA COVID-19 NO CENÁRIO EDUCACIONAL21		
2.1 A REESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA.....	23	
2.2 AS DIFICULDADES DA DOCÊNCIA NO PERÍODO PANDÊMICO.....	26	
CAPÍTULO III		
A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DURANTE PANDEMIA		28
3.1 A TRADIÇÃO HISTÓRICA DA EVASÃO NA EJA	28	
3.2 A PANDEMIA E OS NOVOS FATORES DA EVASÃO	31	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34	
REFERÊNCIAS	36	

INTRODUÇÃO

No final de 2019, o Sars-Cov-2 ou novo Corona vírus surgiu em Wuhan, província de Hubei, China. Relatos iniciais da infecção descreveram a condição como pneumonia de origem desconhecida e muitos pacientes foram inicialmente vistos como tendo pneumonia. Na ocasião, para verificar a recorrência do caso, a Organização Mundial da Saúde foi notificada. Logo, o vetor de transmissão foi identificado e, se fosse um novo Coronavírus, poderia causar síndrome respiratória aguda, hospitalização e morte.

A Covid19 é uma doença infecciosa aguda respiratória grave (Sars-Cov-2). No geral, os casos de infecção começaram a ser ampliados rapidamente pelo mundo, na Ásia continental, Tailândia e Ásia continental.

Neste sentido, a pandemia é um termo que designa uma tendência epidemiológica. Indica que muitos surtos estão acontecendo ao mesmo tempo e espalhados por toda parte. Uma pandemia pode até mesmo se tornar evento em escala global. É o caso da Covid-19. Levou menos de três meses para que, no início de 2020, mais de 210 países e territórios confirmassem contaminações com o novo coronavírus, casos da doença e mortes.

Para orientar a população mundial de como proteger a si e aos outros, a Organização Mundial de Saúde – OMS recomendou inúmeras orientações no sentido de como melhor se proteger da grave crise pandêmica no mundo no sentido de se evitar o número de mortes em todo o planeta.

Em março de 2020, o Ministério da Saúde passou a regulamentar critérios de isolamento e quarentena à população, sob a coordenação das autoridades sanitárias de estados e municípios. No dia 17 de março, o governo federal emitiu uma portaria tornando crime contra a saúde pública a recusa ao isolamento e à quarentena. A norma previu medidas duras com multas e até prisão aos que não as cumprissem.

Considerando este cenário, este estudo, em forma de uma *pesquisa bibliográfica* passa a tomar corpo através de uma inquietação, enquanto estudante do curso de Pedagogia, futura docente na área da educação infantil, partindo deste momento histórico vivenciado na atualidade – que é o da pandemia do Covid-19. Como é algo recente, mas que afeta a vida de toda a população mundial,

notadamente na área da educação como um todo, surgiu, portanto, a necessidade em registrar como está se dando o processo de ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Considerado tal contexto, a necessidade de se refletir sobre a problemática da evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos – EJA passou a ser objeto de reflexão, uma vez que esta modalidade de ensino se configura como um desafio aos profissionais da educação, no sentido de práticas pedagógicas presenciais ou de caráter remoto ou híbrido.

Por hipótese, seja qual venha a ser o formato de ensino que os estudantes da EJA estejam estudando, a pandemia pode vir a estar contribuindo no sentido dos discentes terem deixado de frequentar a escola no atual cenário. Pode depender da realidade social, bem como das ferramentas metodológicas utilizadas como um todo.

A metodologia utilizada é de cunho bibliográfico com base na análise de textos, documentos, livros e artigos sobre o assunto; documentos e dados estatísticos fatores que contribuem para a evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Para

Gil (2008), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

A pesquisa bibliográfica, por sua vez, tem a finalidade atualizar e aprimorar o conhecimento fazendo o uso de uma investigação acurada e científica de obras já publicadas por diversos autores. Ela é um procedimento exclusivamente teórico, compreendida como a junção, ou reunião, do que se tem falado sobre determinado tema. Este passo inicial permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Neste sentido, para Fonseca (2002), este tipo de pesquisa é realizada [...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Isso considerado, implica em dizer que todo e qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ser feito um aprofundamento teórico do que já foi estudado anteriormente sobre o assunto a ser pesquisado (FONSECA, 2002, p. 32).

Nesta perspectiva, a pesquisa bibliográfica faz uma análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com intuito de atualizar,

desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização dos resultados observados. Com a temática definida e delimitada, o pesquisador terá que aprofundá-la de maneira acurada e reflexiva para desenvolvê-la.

De acordo com Gil (2002), por pesquisa bibliográfica entende-se a leitura, a análise e a interpretação de material impresso. Entre eles podemos citar livros, documentos mimeografados ou fotocopiados, periódicos, imagens, manuscritos, mapas, entre outros.

Nesta perspectiva, é objetivo deste estudo, fazer uma pesquisa bibliográfica acerca do processo de ensino e aprendizagem na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos – EJA, no contexto das aulas remotas em função da epidemia da Covid-19.

São, portanto, objetivos específicos desta pesquisa bibliográfica:

- Fazer uma revisão bibliográfica acerca da Educação de Jovens e Adultos – EJA e seus efeitos durante a pandemia;
- Apresentar a realidade vivenciada pelos estudantes da EJA no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil;
- Refletir sobre as dificuldades dos discentes nas salas de aula da EJA durante o período pandêmico e se isso acarretou no aumento da evasão escolar.

Este trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro, intitulado: *CARACTERIZANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS* é feita uma conceituação acerca desta modalidade de ensino.

No segundo capítulo: *O FENÔMENO DA COVID-19 NO CENÁRIO EDUCACIONAL* são descritos os dados que comprovam como se deu a pandemia no mundo e no Brasil.

No terceiro e último capítulo teórico: *A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DURANTE A PANDEMIA* apresenta-se possíveis motivos que levaram cidadãos e cidadãs a não concluírem seus estudos na modalidade de ensino em estudo em suas vidas por causa das dificuldades apresentadas no contexto pandêmico.

Por fim, são feitas as CONSIDERAÇÕES FINAIS deste estudo, estas sem a pretensão de esgotar as inúmeras situações vivenciadas pelos discentes da EJA, mas sendo mais um estudo sobre a evasão a ser apresentado nesta temática.

CAPÍTULO I

CARACTERIZANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

A Educação para Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade de ensino da rede pública no Brasil com o objetivo de desenvolver o ensino fundamental e médio com qualidade para cidadãos e cidadãs que não possuem idade escolar e tiveram que, por algum motivo, não terem concluído os níveis de ensino nas idades aceitas pela legislação educacional do país.

A EJA está assegurada já a partir da Constituição Federal de 1988 que garante a todos os cidadãos e cidadãs, no seu artigo 205 que “a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família (BRASIL, 1988)”.

A EJA está inserida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 como uma forma de ensino, que precisa realizar suas utilidades: “reparadora, equalizadora e qualificadora”, uma vez que se entende que a razão pelo qual os indivíduos ingressam na EJA é com o propósito comum da procura pela garantia do direito ao progresso da naturalidade (BRASIL, 1996). No artigo, 37, está expresso:

A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de Estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos que não puderam efetuar os estudos na idade regular oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e complementares entre si (BRASIL, 1996, p. 29-30).

A singularidade dos alunos da EJA deve ser compreendida em constante mudança constituída por múltiplos trajetos construídos nas geografias educacionais,

ultrapassando a ideia que essa modalidade é lugar de ensino de pessoas, preferencialmente, adultos. Este entendimento foi construído no Brasil, no século passado muito influenciado pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, que objetivava melhorar a vida dos alunos, via escolarização.

É necessário desassociar a ideia que a EJA é uma educação ofertada para pobres, jovens, adultos e idosos das camadas mais populares a maioria da população do país. O processo de subjetivação deve ultrapassar o discurso com efeito de sentido salientando um poder centralizador, fazendo com que os estudantes experimentem uma relação com suas vivências e com as de outros sujeitos.

Os indivíduos da EJA são jovens, adultos e idosos ligados por questões intergeracionais e diferentes histórias de vidas, tendo em comum o distanciamento do âmbito escolar por diversos motivos, como por exemplo, inserção no mercado de trabalho, evasão escolar, repetência, entre outros fatores.

Na composição das salas de aula EJA são evidenciadas as mais diversas raízes culturais,

Especialmente nas metrópoles das regiões sul e sudeste é comum que uma sala de EJA componha um retrato do Brasil: os traços físicos, modos de falar, agir e reagir, formas de lazer, preferências culinárias ou musicais dos alunos nos remetem a todos os cantos do país. Esse quadro é revelador, inclusive, da enorme riqueza da cultura brasileira marcada pela diversidade, pela pluralidade. Noutras regiões, é comum encontrarmos alunos e alunas que saíram do campo, de um espaço rural, e dirigiram-se para a cidade “para continuar os estudos” ou “para arrumar um trabalho fixo” (BRASIL, 2006, p.12).

Nesse sentido, ao traçar o perfil dos discentes da EJA, Anzorena; Benevenuto (2013, p.77) os caracterizam;

Os sujeitos da EJA são pessoas adultas ou jovens que, pelas mais diversas razões, têm como objetivo uma realização pessoal, sentem a ameaça do desemprego, a necessidade de contribuir com maior eficiência na formação dos filhos, buscam novas respostas para seus conflitos e dificuldades. Esses são alguns dos fatores que resultam em uma tomada de decisão, ou seja, voltar à escola.

O jovem não era ponto de discussão, no sistema EJA, só a partir do evento em 1997, que ele começa a refletir sobre a subjetividade do jovem nesta modalidade, a idade desses sujeitos é entre 15 e 17 anos, caracterizando um desequilíbrio no contexto escolar evidenciando a exclusão com relação ao histórico escolar de repetência, intolerância, conflitos e falta de significação da prática escolar, no entanto essa exclusão tem sido minimizado pelo incentivo das subjetividades jovens na sociedade contemporânea.

O adulto até os anos 90 era a maioria do público EJA, diferente do jovem que se preocupa com o futuro, o adulto é voltado para o presente tendo como finalidade melhorias na vida profissional, com o sustento de sua família, e da educação dos seus filhos, a maioria abandonaram seus estudos por fatores econômicos, pois, fazem parte da classe menos favorecida tendo que trabalhar muito cedo abandonando a escola.

Já o idoso frequenta o EJA por interesses próprios, distintos dos interesses jovens e adultos, o contexto escolar é uma oportunidade de recusar a imagem de subjetividade dependente uma reinvenção da terceira idade. Os jovens, os adultos e os idosos precisam potencializar suas vidas mediante ao conjunto de exercícios e discursos à disposição no intuito que eles transformem suas subjetividades.

1.1 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EJA

A perspectiva histórica da educação no Brasil passou por reformas nos períodos históricos e organizações constitucionais, dessa maneira, é notável que o Brasil tem uma história pautada na desigualdade social e o direito a educação para todos é uma conquista recente.

A Educação de Jovens e Adultos – EJA, como reconhecimento do direito educativo, se estabelece no Brasil e tem sua constituição histórica com progressos e retrocessos, havendo uma dinâmica mais exclusiva a partir do século XX. Período no qual o Brasil teve avanços na consolidação da identidade própria e autonomia política e econômica, mas também lutas sociais.

A atividade educativa se fundamentava em pressupostos evangelísticos desenvolvidos pelos jesuítas, sendo direcionada à aculturação indígena por meio do *Ratium Studiorium*, com base em estudos clássicos.

Corroborava Cunha (1999) ao dizer que no Brasil Colônia a educação direcionada à população não- infantil referia-se exclusivamente a população adulta, a qual também requeria ser doutrinada e iniciada nas cousas da santa fé. De modo que o aspecto religioso sobressaia sobre o educacional.

No Brasil, após os jesuítas, a educação não tomou consistência em um sistema diferente. Já na Independência brasileira, mesmo que prevista na Constituição de 1824 a instrução primária gratuita para todos, nada havia de fato para se cumprir essa meta. No Brasil Império, a educação de adultos ficava a cargo das províncias, que arcavam com o ensino das primeiras letras.

Segundo Cunha (1999) reformas educacionais no Brasil Império já recomendavam a existência de classes noturnas de ensino elementar para adultos analfabetos. De acordo com Rossi et al (2009) no Brasil República, nas primeiras décadas, não houve mudanças consideráveis no cenário educacional.

A partir de 1940, fase de crescente progresso industrial e reconfiguração política brasileira, deu-se maior responsabilização do Estado, junto ao desenvolvimento de políticas públicas voltadas para educação. As lutas pelos direitos humanos e as contribuições em variados campos do conhecimento conduziram a redefinição dos paradigmas educacionais que se tornam progressistas e inclusivos.

De 1946 a 1958, houve grandes campanhas para erradicação do analfabetismo, e de 1958 a 1964, houve mudança na interpretação sobre o analfabetismo que deixa de ser visto como causa e passa a ser efeito do subdesenvolvimento e das desigualdades sociais do país.

De 1964 a 1985, há uma ruptura com o caráter mais democrático da educação, que volta ao conservadorismo. Nessa época, enfatiza-se o caráter moralizador e disciplinador da educação. Na EJA se acentua o aspecto assistencialista, sendo criado o MOBRAL, Movimento Brasileiro de Alfabetização. Findada essa etapa histórica, dá-se o processo de redemocratização do país.

Nos anos 90 houve o estabelecimento de metodologias criativas, com o fim de garantir a jovens e adultos analfabetos o acesso à cultura letrada, tornado possível participarem de maneira mais ativa profissional, política e culturalmente.

A EJA veio a se consolidar, do ponto de vista legal, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, quando registra no seu artigo 37;

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria. § 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 1996).

Na atualidade, muitos são os jovens e adultos que têm regressado aos bancos escolares. A EJA deve garantir a essas pessoas a oportunidade de acesso ao conhecimento produzido pela humanidade e por meio desse, o crescimento próprio na vida acadêmica e também na vida social. Sabe-se que as diferenças entre aluno do Ensino regular e da EJA vão além da faixa etária, mas engloba o perfil.

1.2 A EJA ATRAVESSANDO GERAÇÕES

O desafio da modalidade EJA é a diversidade geracionais jovens com mais de quinze anos convivendo com idosos com mais de sessenta anos incluindo ainda outros fatores como etnia, gênero e raça. Em uma mesma geração pode existir “unidades geracionais” convivendo grupos conservadores com liberais.

Várias gerações e sujeitos da mesma geração vivem ao mesmo tempo subjetividades diferentes, compartilhamento histórias, experiências e saberes entre si através de uma força social que as conecta a uma prática coletiva, implicando uma constante interações entre os indivíduos, tempo individual e social constituindo uma construção histórica.

De acordo com Garcia; Silva (2018. p.13),

[...] esses sujeitos não são apenas diferentes em suas experiências e faixa etária. Eles fazem parte de um grupo que, em algum momento de suas vidas, distanciou-se do contexto escolar em vista de sua inserção no trabalho, da evasão escolar, repetência ou outros fatores excludentes [...] Este grupo é constituído por sujeitos da zona urbana, rural, privados de liberdade, indígenas, quilombolas, com necessidades especiais, homens, mulheres, adolescentes e outros que têm expectativas comuns na sociedade contemporânea pluralista. Vamos, então, compreender esses sujeitos e a constituição de suas subjetividades singulares.

De acordo com Paula e Oliveira (2004) isso mostra como a EJA atende a um público diversificado. A diversidade pode ser: etária (adolescentes, jovens, adultos e idosos); de gênero (homens, mulheres); étnica (negros, mestiços, indígenas, brancos); cultural (agricultores, pescadores, artesões, operários), essa diversidade costuma revelar uma incidência diferenciada do analfabetismo, e, na mesma medida, demandar estratégias de ação segmentada.

Nessa perspectiva,

Os alunos Jovens ou Adultos, sujeitos da EJA, são heterogêneos, isso é, portadores de histórias ímpares com um conhecimento vasto de vida, pessoas com faixa etária e potenciais diversos, de etnias diversas, que unidas em um mesmo espaço e tempo, têm em comum o desejo de serem incluídos como agentes históricos em uma sociedade que não os reconhece e marginaliza quem simplesmente não passou pelo processo de escolarização, porém colhe dos frutos produzidos por eles (FILHO; CRUVINEL, 2015, p. 12)

Nas salas de aula do EJA há um entrelaçado de culturas, experiências e vivências contribuindo para a constituição subjetiva. Essa convivência entre as gerações é benéfica para todos trazendo maiores possibilidades de aprendizagem. O vínculo intergeracional entre os estudantes do EJA consiste em sujeitos diferentes que compartilham as mesmas experiências, as mesmas forças, funcionando como fator básico para a realização do dinamismo histórico e social.

Quando falamos de Educação de Jovens e Adultos no Brasil parece ser uma coisa tão contemporânea, mas na verdade o processo educativo no Brasil, nunca foi tão difícil de formar como a proposta para Educação de Jovens e Adultos.

Nos anos quarenta (1940) foi quando tudo começou na Educação de Jovens e Adultos, é nesse momento, que é dado a partida na Política Educacional Nacional, segundo cita Ribeiro (2001) a EJA se constituiu como uma política educacional.

Ribeiro nos mostra no seu texto, um pouco da história e da importância na época e do entendimento de quem eram os sujeitos da aprendizagem, como eles deveriam aprender e o que se entendia que era significativo para esses alunos.

Embora se fale que na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, o seu sistema hoje é muito grande e ele se mostra uma balança afinada, pois em diversos momentos da aplicação pedagógica, ele apresentou pontos que compensam o tamanho do sistema.

Mas como veremos que a EJA foi criada, também, a partir de erros e de inadequação de currículos, métodos e materiais didáticos, que embora sejam difíceis de admitir, ainda persistem, em muitos locais de aprendizagem, possuem suas características locais.

Sua política educacional não nasceu apenas no gabinete, foi a defasagem educacional e a implantação das indústrias no Brasil, na política de Getúlio Vargas, junto com a própria população brasileira, que causou a implantação de políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos.

Uma das funções da EJA (Educação de Jovens e Adultos) é reparar os danos educacionais negados essa parcela da sociedade e provocar mudanças não só nos sujeitos envolvidos. Nesse sentido,

Ao ingressarem nos cursos de EJA os alunos ampliam as possibilidades de socialização, isto é, convivem em um ambiente social que oferece a possibilidade de convivência saudável com outras pessoas de mesma condição e a realização de atividades proveitosas e gratificantes. Ainda que o processo de socialização não se dê apenas na escola (participação em igrejas, associações culturais ou esportivas, sindicatos etc. cumprem função semelhante), esse motivo é fundamental para o sucesso do processo pedagógico e a permanência do aluno na escola (BRASIL, 2002, p. 94).

Por vez, é fundamental estabelecer o que se verifica em que constituem as políticas públicas sendo que os alunos desse nível já são trabalhadores cansados da vivência cotidiana que busca aperfeiçoamento nos estudos ou até mesmo apenas a conclusão do mesmo e muitas vezes se sente desmotivado pelo descaso público com a EJA que sobrevive sem recurso e sem capacitação adequada aos professores.

Enquanto parte dos discentes trabalham em diferentes ramos e conjunturas, outros continuam desempregados e vislumbram na EJA uma oportunidade de melhorar a sua formação escolar e crescimento profissional.

A EJA como consequência do insucesso escolar e também pelas questões comportamentais, principalmente a indisciplina, concerne às grandes demandas socioeconômicas da atualidade.

A pessoa, que em si mesmo é o corpo, precisa reconhecer que como produtora de conhecimento, a percepção e o pensamento estão entrelaçados. Nesse sentido, de acordo com Monteiro (2020, p. 14),

[...] cada pessoa tem uma forma única de produção e construção do conhecimento, ou seja, de si própria”. Como tal, o olhar é desenvolvido afetivamente, socialmente e culturalmente, dessa maneira necessita de aprendizagem.

Enquanto alguns desses estudantes já trabalham em diferentes ramos e conjunturas, muitos outros continuam desempregados e vislumbram na EJA uma oportunidade de qualificação e crescimento profissional.

CAPÍTULO II

O FENÔMENO DA COVID-19 NO CENÁRIO EDUCACIONAL

No final do ano de 2019 houve uma divulgação para as nações de que o novo Corona Vírus havia surgido em Wuhan, na China, com relatos iniciais de infecções os chineses a descreveram a condição como pneumonia de origem desconhecida; muitos pacientes foram inicialmente vistos como tendo pneumonia, para verificar a recorrência do caso.

Não se sentindo tão confortável com tal afirmação, Santos (2020, p. 8) registra a sua indagação:

Mas terá o vírus nascido na China? A verdade é que, segundo a Organização Mundial de Saúde, a origem do vírus ainda não está determinada. É, por isso, irresponsável que os meios oficiais do EUA falem do «vírus estrangeiro» ou mesmo do «coronavírus chinês», tanto mais que só em países com bons sistemas públicos de saúde (os EUA não são um deles) é possível fazer testes gratuitos e determinar com exactidão os tipos de influenza ocorridos nos últimos meses. Do que sabemos com certeza é

que, muito para lá do coronavírus, há uma guerra comercial entre a China e os EUA, uma guerra sem quartel que, como tudo leva a crer, terá de terminar com um vencedor e um vencido.

Entre o sim e o não, a Organização Mundial da Saúde foi notificada, com transmissão que poderia causar síndrome respiratória aguda, hospitalização e morte segundo a Organização Pan-americana de saúde (OPAS). A Covid19 é uma doença infecciosa aguda pelo Corona vírus 2 da doença respiratória grave (SARS-CoV-2).

No geral, os casos de infecção começaram a ser ampliados rapidamente pelo mundo, na Ásia continental, Tailândia e Ásia continental. Os sintomas mais comuns são febre, cansaço e tosse seca, alguns podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, entre outros. Para orientar a população mundial de como proteger a si e aos outros, a OMS recomenda que praticar a higiene das mãos e respiratória é a melhor maneira de proteção, além de manter uma distância de pelo menos um metro entre os indivíduos (OMS, 2020).

Até o momento, a covid-19, a doença respiratória causada pelo novo coronavírus, já matou mais de 3,5 milhões de pessoas e infectou mais de 170 milhões em todo o mundo. O Brasil já teve mais de 16 milhões de casos confirmados pelas autoridades de saúde e mais de 460 mil mortes.

Conforme os últimos dados divulgados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o fechamento das instituições de ensino afeta diretamente mais de 72% da população estudantil no mundo (UNESCO, 2020).

No Brasil, o Ministério da Educação do atual Governo Federal determinou a partir da Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020, a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais. Para Martins (2020, p. 251), a pandemia traz preocupações para o campo educacional, como a forma de trabalho do professor, a qualidade da aprendizagem, os temas a serem falados.

Nesse sentido, Liberali et al (2020, p. 14) afirmam que,

A ideia de que certos humanos podem ser descartados desmascara a desigualdade social, econômica, cultural e política que assola nossa realidade e que se escancara com a chegada da covid-19. O mesmo processo parece se expandir para educação. Com o decreto de distanciamento social, como forma fundamental para segurar o crescimento de casos e demandas por atendimento nos hospitais, as atividades escolares assumiram a forma remota.

Com a pandemia da Covid 19, contribuiu de forma negativa para a procura pela matrícula, houve muito abandono das aulas pelo público da EJA, a pandemia só reforça que há de certa forma exclusão desses educandos, eles são vítimas do trabalho pesado, da falta de trabalho e dos baixos salários.

No Brasil, em 25 de fevereiro de 2020, teve-se os primeiros casos registrados. É agora, o país que tem o maior número de casos e mortes por Covid-19 na América Latina, ou seja, por volta de 7288 casos até o dia 5 de maio; números provavelmente subestimados.

Os maiores focos são as cidades grandes como São Paulo e Rio de Janeiro, mas já há sinais de que a infecção está se deslocando para o interior dos estados, onde estão localizadas cidades menores. O grande problema é que as pessoas precisam ser hospitalizadas e o Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro não dispõe de leitos com cuidados intensivos e ventiladores, em grande medida, porque vem sofrendo cada vez mais com redução de investimentos técnicos e também de trabalhadores especializado e além da péssima estrutura.

Num passado recente ninguém tinha ouvido falar do vírus chamado covid19, o mundo funcionava dentro dos parâmetros usuais e os cidadãos viviam com a segurança produzida pela miragem do Capitalismo, apoiado no conhecimento científico e no controle e domínio da natureza.

O ano de 2020 vai fazer parte da história da educação, pois, de forma súbita, foi necessário pensar como fazer e como garantir que todos os estudantes da rede pudessem ser assistidos. Passado o impacto da suspensão das aulas, um pequeno grupo de professores se mobilizou junto à Secretaria de Educação, preocupados com a perda de contato com os estudantes.

Afastar educadores e educandos das aulas presenciais era a única atitude correta no momento. Tomar decisões e realizar ações emergenciais fugia do controle de todo um conhecimento sobre ensino e aprendizagem remota, considerando que esse era o termo que se ouvia como possibilidade em suprir as aulas presenciais.

Essa definição atende a essa mudança brusca entre o que se pensou fazer e o que de fato seria realizado, além do termo emergencial que acata o que se testemunhou acontecer devido à mudança do cenário.

As soluções rápidas incomodaram, trouxeram sofrimento e angústia, uma vez que não se tinha a compreensão nem a preparação para o ensino online, pouquíssimos professores tinham essa experiência, a maioria sequer vivenciara como estudante. E os alunos, teriam acesso à internet, computador ou celular em condições ideais para esse tipo de ensino? Poderia a escola como lugar de promoção do saber mediar o ensino remoto?

2.1 A REESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA

Logo se percebeu que, para os professores com o conhecimento tecnológico necessário, o ensino remoto seria tranquilo, pois saberiam utilizar as ferramentas como o Google Classroom, o Google Meet e o WhatsApp e a oferta por um ensino atrativo e menos excludente poderia ser possível.

Isso não se deu para os demais docentes, em maioria, que ficaram totalmente, num primeiro momento, sem saber o que viria a fazer. Então, muitos procuraram ajuda junto aos gestores, colegas, no sentido de aprender o novo trabalho a partir da pandemia. Então, a forma remota de ensino passou a ser o maior objetivo de aprendizagem dos professores para tentar minimizar um prejuízo maior que seria deixar a sala de aula, o que certamente daria um colapso nas escolas.

Várias tentativas de encarar os problemas foram colocadas em prática, pois não coube senão aos próprios professores sair em busca das soluções pelas instituições escolares afora pelo país.

Uma nova linguagem passou a ser compreendida pela docência, ou seja, as linguagens advindas das novas tecnologias da informação, muito centradas nas tecnologias digitais. Dessa maneira, gerou-se uma nova pedagogia a serviço de suprir tais desafios.

É importante ressaltar, no entanto, que apenas a inclusão de tecnologias digitais em escolas e a disponibilização de conteúdos na rede não garantem mudanças positivas no processo de ensino e aprendizagem. O momento e a forma como os professores adotam tecnologias são aspectos que influenciam, diretamente, na ocorrência, ou não, de melhorias nesse processo. Portanto, os professores são pontos chave do sistema educacional. O benefício alcançado com o uso de TD em sala de aula depende, entre outros aspectos, do preparo desses profissionais (NASCIMENTO, 2013).

Do ponto de vista prático, foram criados grupos para socializarem conhecimentos nas ferramentas digitais que iriam ser utilizadas; desde as comunidades do WhatsApp, Clarroom, Meet, dentre outros.

Coube aos professores mais experientes a criação e a inserção dos colegas professores de cada turma. Os docentes também forneceram os números que já tinham e outros que eram adicionados conforme encontros casuais, ou ligando para um ou outro conhecido.

Nesse momento, os professores de Ciências e Biologia se encarregaram de explicar sobre o que era uma pandemia, o que era o Coronavírus; quais os sintomas da doença Covid -19, as formas de prevenção, os cuidados em geral com a higiene pessoal, dos objetos e da casa.

Para os estudantes sem acesso algum à internet, com limitações diversas em função da localização da moradia, ou mesmo, por falta de condições socioeconômicas, seria disponibilizado o material impresso com as atividades elaboradas pelos professores.

Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia mencionando as habilidades da Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, ANO) definidas, os roteiros objetivos e claros e o propósito de cada atividade.

Somente uma escola localizada na zona rural optou por atividades impressas devido ao pequeno número de estudantes, com apenas uma turma para cada ano, a dificuldade com a internet e a escassez de aparelhos celulares disponíveis nas famílias para esse fim, foi disponibilizado aos professores um cronograma das atividades, com horários reorganizados para as aulas remotas respeitando os dias de aula do professor na escola.

A programação de cada disciplina por dia e área do conhecimento, com uma hora de trabalho online, exceto para o componente Língua Portuguesa que ficou com duas horas, uma delas direcionada para a leitura e para as produções textuais. Essas produções deveriam seguir um roteiro como deveria ser feito com os itens presentes, vivenciando aqueles já tinha sido trabalhado em sala de aula.

Passado o primeiro mês do planejamento remoto, os professores foram orientados a trabalhar de maneira interdisciplinar, com projetos por um tempo curto, oferecendo atividades complementares como leituras para deleite, vídeos e filmes, e a realização de jogos referentes aos conteúdos abordados. Professores já estavam

estressados e ansiosos devido às condições, viviam questionando sobre a volta às aulas presenciais e quando iriam voltar ao cotidiano escolar, mas ainda não se tem respostas.

Essa constatação descreve a preocupação que os professores têm sobre o enfrentamento à pandemia e sobre a administração do fazer pedagógico, e o desejo de manter ativos todos os seus alunos.

Dada a urgência em procurar solucionar e responder e questionamentos a reações negativas quanto à prática do ensino remoto, uma parte dos professores se esforçava com atividades desafiadoras, outros professores só reproduzia atividades exaustivas e desmotivadoras.

Neste sentido,

Também é evidenciado que uma formação ampla, objetivando dar subsídios aos professores no uso, tanto instrumental quanto pedagógico é uma forma de manter a educação e, por conseguinte, a escola, em um ambiente propício às atividades não presenciais, mantendo o processo de aprendizagem com bons resultados (PALÚ; SCHÜTZ, MAYER, 2020, p. 34).

A implementação deste programa mobilizou todo o município através de informes e chamadas para a participação dos estudantes da rede, superando o descrédito do ensino remoto e dando visibilidade às ações da Secretaria. A ocasião exige esforços na atenção, de acordo com os relatórios quinzenais dos professores da rede, as aulas online contavam com a mesma interação das aulas presenciais, isto é, os estudantes que questionavam e interagiam nas aulas remotas eram os mesmos das aulas presenciais.

A questão da avaliação nesse processo de ensino e aprendizagem apresenta a atribuição de notas aos estudantes que deveriam ser decorrentes de todo o processo, considerando vários instrumentos, como: as reflexões levantadas pelos alunos, os quizzes, as atividades no Google Form. Além destes, as produções escritas, autoavaliações, material impresso, bem como as atividades diárias.

2.2 AS DIFICULDADES DA DOCÊNCIA NO PERÍODO PANDÊMICO

Os efeitos da pandemia atingiram a educação, devido às medidas de isolamento e distanciamento social. Nesse sentido, as aulas presenciais foram

suspensas. Assim, as aulas da Educação de Jovens e Adultos passaram a ser desenvolvidas via internet. De um momento para o outro, o que se viu nas salas de aula, também na EJA, foi a transformação da metodologia do trabalho docente. As aulas – que eram ministradas presencialmente nas salas, passaram por uma brusca ruptura, agora trabalhadas de maneira remota.

Uma das maiores barreiras encontradas com relação ao uso das TDTICs na escola é a capacitação do professor. Segundo Tedesco, muitos dos professores em serviço não têm conhecimento prévio sobre como devem ser utilizadas as ferramentas tecnológicas e suas possibilidades em sala de aula (TEDESCO, 2004, p.105). Com isso, fica a questão: como utilizar os recursos tecnológicos em sala de aula, se nem mesmo os professores estão preparados para o seu uso em qualquer modalidade de ensino, principalmente na Educação de Jovens e Adultos?

As dificuldades da docência também se intensificaram quando, por conta da economia do país, quando parte dos estudantes sentiram o peso de não terem condições financeiras para comprar equipamentos para o novo formato de ensino que chegara, nem mesmo os docentes.

Nessa perspectiva, os entraves esbarraram-se também na ausência de acesso de alguns estudantes a equipamentos eletrônicos ou à internet, que por sua vez facilitaria o acesso aos materiais de aulas disponibilizados. O que antes já era um motivo de preocupação com a questão da evasão escolar, movimento comum entre os jovens e adultos que, por vezes, deixam de estudar em decorrência do cansaço no cotidiano, optando por trabalhar, agora estavam se evadindo pela exclusão digital. Associado a isso, Palú; Schütz; Mayer (2020, p. 57) afirmam que,

[...] os educadores acompanharam mais de perto outras realidades familiares como a falta de estrutura familiar, a falta de recursos tecnológicos nas famílias, o stress do isolamento destes e a dificuldade de aprender a aprender gerenciar o tempo para estudar, fazer as atividades, participar das aulas online.

Ainda não há dados oficiais, neste ano, que possam quantificar o volume de estudantes que deixaram o programa de Educação de Jovens e Adultos, em virtude da pandemia. Antes da propagação da Covid-19, em balanço feito no ano de 2019, uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

Educacionais Anísio Teixeira (Inep) aponta queda de 7,7% no número de matrículas de alunos na EJA, a nível Brasil.

Na prática docente, como heterogeneidade, evasão, classe infantil, falta de materiais didáticos direcionados, baixa autoestima dos alunos, o sistema é rígido.

Em todos os casos, esses educadores notaram que buscavam caminhos alternativos para facilitar o processo de ensino, como suas próprias criações a situação que enfrentam. Os educadores da EJA enfrentam muitos desafios no desenvolvimento do processo do ensino.

A falta de orientação para novos educadores, o trabalho da EJA cria abismo e uma sensação de insegurança, a falta de treinamento específicos para os educadores, incluindo a heterogeneidade dos níveis de aprendizagem dentro de cada sala de aula onde os professores devem atender os alunos do início do processo de alfabetização e os alunos do final do processo.

A diferença entre esses alunos, são suas expectativas de aprendizagem em religião, geração e avaliação de suas crenças, diferenças de idade entre eles cria conflito de interesses e posições entre eles, muita das vezes a baixa autoestima dos educadores, que não acreditam em sua capacidade de aprender.

E isso acabar gerando bloqueios no processo de aprendizado, nesse processo gera rigidez própria no sistema regular, onde o processo de certificação dos educandos adultos tem uma qualidade péssima devido a essa padronização.

Para Santos (2020) as dificuldades vivenciadas estão num âmbito mais abrangente. Assim,

As pandemias mostram de maneira cruel como o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências. As respostas que os Estados estão a dar à crise variam de Estado para Estado, mas nenhum pode disfarçar a sua incapacidade, a sua falta de previsibilidade em relação a emergências que têm vindo a ser anunciadas como de ocorrência próxima e muito provável (SANTOS, 2020, p. 28).

Nessa situação de dificuldades, os professores foram convidados a apresentar alternativas de ação para que eles possam enfrentar os desafios, eles mostram que os alunos por si mesmo criam caminhos para contornar ou minimizar essas limitações, podemos ver pelos depoimentos dos educadores.

Depoimento onde eles apontam como caminho para o enfrentamento da evasão escolar, iniciando com tentativas de convencê-los a persistir, encorajando-os

a enfrentar essas questões que vão surgindo em suas vidas, a solução mais viável e essa para esses problemas.

Temos outras alternativas buscadas por esses professores para um trabalho melhor, com uma realidade encontrada nessa situação os temas que venha ser encontrados e significativos para esses educandos, vem trazendo o cotidiano de cada um para dentro da sala.

Essa alternativa de trazerem o cotidiano de cada um para a sala de aula, vem como a teoria de Freire (1997), de que os seres humanos podem refletir sobre suas limitações e projetar a ação para transformar essa realidade que os condiciona. Nesse sentido, “competência técnica-científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento de seu trabalho não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas (FREIRE, 2011, p. 12).”

Entende-se que é preciso o docente criar um ambiente apropriado à produção do conhecimento, em que o receio pelo professor e pela escola vão sendo superados. Nisso se insere o grande valor da formação permanente do professor, o qual não só atualiza seus conhecimentos, mas também reflete sobre a prática desenvolvida hoje a fim de melhorá-la amanhã.

Nessa perspectiva,

A nova articulação pressupõe uma viragem epistemológica, cultural e ideológica que sustente as soluções políticas, económicas e sociais que garantam a continuidade da vida humana digna no planeta. Essa viragem tem múltiplas implicações. A primeira consiste em criar um novo senso comum, a ideia simples e evidente de que sobretudo nos últimos quarenta anos vivemos em quarentena, na quarentena política, cultural e ideológica de um capitalismo fechado sobre si próprio e a das discriminações raciais e sexuais sem as quais ele não pode subsistir.

Com isso, os professores podem atuar sobre a realidade, chegando a uma ação. Essa ação dever partir da realidade, sem mascará-la. Hoje, o contexto educacional é apenas um dos muitos outros problemas que o país tem a resolver, inclusive em relação à EJA.

CAPÍTULO III

A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DURANTE A PANDEMIA

O fenômeno da evasão escolar tem como o objetivo de discussão sobre o estudo educacional e governamental. A evasão é, nos contextos de EJA, um tema recorrente entre os gestores da rede estaduais de ensino. Essa questão é compreendida à luz da não exigência do compromisso legal quanto a participação no processo educativo dessa parcela da população.

3.1 A TRADIÇÃO HISTÓRICA DA EVASÃO NA EJA

A evasão dos alunos de EJA é um complexo construto social, na medida em que estão relacionadas à desistência do processo educativo questões de diferentes ordens. Nem sempre a evasão escolar é vista objetivamente, pois o comportamento não se justifica com esses recursos e situações.

Segundo Arroyo (1997, p.23),

[...] a escola tem a responsabilidade de atribuir a desestruturação familiar, e o professor e o aluno não têm responsabilidade para aprender, tornando-se um jogo de empurra. Sabemos que a escola atual precisa estar preparada para receber e formar estes jovens e adultos que são frutos dessa sociedade injusta, e para isso é preciso, professores dinâmicos, responsáveis, criativos, que sejam capazes de inovar e transformar sua sala de aula em um lugar atrativo e estimulador.

O fenômeno desta evasão nesta modalidade de ensino tem sido observado há vários anos e desafiado a compreensão dos educadores. Os altos índices de abandono dos alunos chamam a atenção e impressionam com frequência, pois, em muitas salas de EJA, o número de alunos evadidos a cada semestre chega a ser superior ao número de alunos aprovados e tem servido como pretexto para o fechamento de muitas classes.

O problema da evasão escolar possui raízes históricas, contexto no qual a EJA é marcada por diversas políticas impostas pelas elites, por meio de sucessivas intervenções do governo mudando o sistema escolar, sem resultar, necessariamente, em qualidade de ensino. Diversas razões de ordem social e

principalmente econômica concorrem para a evasão escolar neste cenário. Contudo, o Estado parece não estar atento a essas questões e as medidas que adota são bastante distanciadas das reais necessidades dos alunos dessa modalidade.

Não se pode ver a questão da evasão da EJA de apenas um ângulo. Arroyo (2017) justifica que é necessário perceber quem é o público que está nas instituições. Dessa maneira, percebê-los como trabalhadores que já chegam cansados de uma jornada dura de trabalho. Isso nos ajuda a compreender como se dá essa articulação entre as lutas pelo direito ao trabalho, educação e escola.

Neste contexto, se observa que a evasão representa um dos maiores desafios historicamente enfrentado pela educação pública brasileira, como também a falta de humanização no ambiente escolar. Tanto a evasão quanto à desumanização são vistas como obstáculos que convivem no interior das instituições escolares, reforçando as dificuldades dos discentes e o seu fracasso escolar.

Campos (2003) afirma que evasão escolar na EJA pode ser entendida como um abandono por um tempo determinado ou não. Para os educadores, essas palavras são sinônimas pois o aluno que abandona a escola, mais cedo ou mais tarde, acaba evadindo-se, ou seja, deixa de frequentar definitivamente as instituições escolares.

Nesta perspectiva, ao tentar falar sobre essa problemática – que é o da evasão escolar, é necessário rever o que se esconde por traz dela e que com cautela deve se relacionar as questões sociais, familiares, econômicas e profissionais.

A partir de entender as estratégias pedagógicas para fazer o aluno permanecer no programa o professor tem que se impor ele e o ator principal, cujo o papel é desempenhar os conteúdos a serem ensinados e torna a aprendizagem dos seus alunos mais viáveis.

A evasão escolar se configura como tema extremamente presente na modalidade de ensino *educação de jovens e adultos*, pois ainda que haja ressignificação das práticas, a questão precisa ainda ser melhor compreendida. Nogueira (2012) acrescenta que o problema da evasão na EJA não é local ou regional, e sim um problema em todo o país, problema esse histórico.

Seguindo essa linha de pensamento,

Há diversas variáveis interferindo no processo de evasão escolar. Muitas vezes, o estudante não deixa voluntariamente a escola. Faz isso por causa da família ou do trabalho. Também existe a questão da qualidade do curso oferecido. Falta pensar a EJA nas demandas de aprendizagem dessa clientela específica. É importante conhecer que a maioria dos estudantes que procuram concluir a educação formal, também carecem de qualificação profissional, e por isso, deve-se articular a formação deles com a educação continuada (IRELAND, 2009).

A EJA representa um caminho ou uma possibilidade de desenvolvimento a todas as pessoas, de todas as classes e idades, permitindo que jovens e adultos possam buscar atualizar seus conhecimentos e habilidades, onde haja troca de experiências obtenha o acesso ao trabalho e cultura (UNESCO, 2000). A EJA é mais do que escolarização; é também um lugar de jovens, adultos e idosos, um espaço de encontro, reencontro e reconhecimento.

Segundo Amaral e Reis (2015), é necessário reforçar a importância de integrar os alunos na vida escolar na vida e usar a experiência deles em sala de aula. Essas são algumas das chaves para abrir as portas da escola aqueles que demoraram tanto para chegar até ela, pois tiveram: pais analfabetos ou machistas; necessidade de trabalhar; inexistência de escolas próximas; paternidade e maternidade precoces; e ainda, a falta de dinheiro, de transporte, de comida e oportunidade que são algumas causas sociais para evasão escolar que acompanham os alunos da EJA.

Vendo por um outro olhar, lidar com espaço escolar e na dimensão do fenômeno da evasão, temos a reflexão de que tem configurações tão complexas do ponto de vista social e individual; é certamente um desafio, este que não pode ser separado de suas relações com questões onde os sujeitos e à participação de espaços e escritas tendo como ter que assumir o papel central, que o traz consigo.

O professor da EJA assume a responsabilidade de dar aulas mais dinâmicas e interessantes, que despertem a atenção dos alunos e, principalmente, estejam focadas na sua realidade. É fundamental ter uma condição para que a metodologia de aprendizagem possa ultrapassar os obstáculos obtidos em suas vidas.

Como a necessidade de refletir sobre as práticas de letramento dos sujeitos envolvidos no processo de escolarização, e sobre as totais condições que no momento está ocorrendo com os mesmos sujeitos na escola. Além dessas questões ou, por outras, há um movimento que vem sendo construído ao longo da história,

nos âmbitos nacional e internacional, há favor dos direitos de acesso à escolarização para todos os cidadãos.

Os alunos da EJA se diferenciam por constituírem-se de classes sociais diferenciadas, estigmatizados por diversos motivos a não compartilhar o saber formal na época considerada ideal. Os estudantes possuem um modo de analisar determinadas situações a acerca da educação formal e as relações com o processo de ensino e aprendizagem, obtivemos obstáculos superados pelos os discentes ao longo do ano letivo.

Com as possibilidades oferecidas, a evasão escolar ainda se tem tornado um desafio para os professores no sentido de se ter os alunos em sala de aula. Alguns fatores se justificam na permanência escolar desses alunos, por conta da sobrecarga de trabalho deles; professores desqualificados têm contribuído cada vez mais para a exclusão social do que para a formação educacional.

A modalidade de ensino em evidência neste estudo merece uma atenção mais específica, pois na mesma, não se deve preocupar com o domínio de ler, escrever e contar, mas no desempenho pessoal e coletivo com vista à construção de uma sociedade mais justa, onde o indivíduo possam ser cidadãos dignos com de seus direitos e deveres.

Trabalhar uma metodologia com conteúdo que possa despertar interesse de estar na sala de aula ou que motive os que já estão na luta. Muitos educandos têm a escola como um lugar sem sentido, pois já sofreram muito, sendo excluídos da sociedade e não tendo nem uma perspectiva de vida.

3.2 A PANDEMIA E OS NOVOS FATORES DA EVASÃO

Com o surto da pandemia de corona vírus e o fechamento das escolas no Brasil em março de 2020, parte das instituições não iniciaram as aulas presencialmente. Com o passar dos meses, o fechamento das instituições para o ensino presencial foi a alternativa vista pelas autoridades educacionais no sentido de evitar que os contágios advindos do novo coronavírus se ampliassem também em salas de aula.

A pandemia, por sua vez, trouxe problemas para toda a população de modo geral, na educação, inclusive na esfera pública. Tomando como parâmetro a EJA,

isso se acentua um pouco, porque geralmente os alunos das escolas para jovens e adultos vêm da parcela da população mais carente financeiramente.

Na situação atual, com tão pouco tempo de preparação, os docentes tiveram que se adaptar às novas necessidades advindas das tecnologias digitais. De um instante para o outro, a docência teve que improvisar as soluções rápidas em circunstâncias inferiores às ideais. Por mais engenhosas que fossem as iniciativas, as possíveis soluções ficaram muito distante do que seria o ideal.

Nessa perspectiva, os professores foram em busca de novas saídas para enfrentamento das aulas remotas. Assim, com inúmeras dificuldades operacionais e, adaptadas para a realidade dos estudantes da EJA, fez uso das mídias digitais gerando um novo modo de leitura e escrita entre os participantes. Assim, de acordo com Gomes (2011, p.15), essas ferramentas são:

[...] um modo de construção textual que explora recursos oferecidos pelo meio digital, exigindo do autor/leitor uma dinamicidade na produção e na leitura, pois “ [...] remetem o leitor a outros textos, permitindo percursos diferentes de leitura e construção de sentidos a partir do que for acessado e, conseqüentemente, pressupõe certa autonomia de escolha dos textos a serem alcançados através dos links”.

Nesse contexto, torna-se compreensível que muitos professores não terem se adaptado para essa nova realidade. Muitas dificuldades foram evidenciadas diante dos desafios que não hesitaram em deixar de existir. Esse processo estressante se deu em longos capítulos de improvisos e inovações, sempre objetivando criar as alternativas mais viáveis em sala de aula.

Em algumas regiões do país, passado esse primeiro momento de sala de aula, tentou-se voltar para o trabalho na perspectiva remota. Essas experiências educacionais totalmente projetadas e planejadas para serem online, traçaram novas formas de mudar completamente o curso das aulas vivenciadas anteriormente de forma presencial, a didática dos professores e o modo de interação dos alunos.

Infelizmente, para a EJA, a mudança do ensino presencial para o remoto causou ainda mais a evasão dos alunos, pois os mesmos não tiveram como responder aos desafios que surgiram diante de uma mudança repentina de modelos instrucionais com alternativas recém chegadas em uma situação de crise.

Aos estudantes faltaram equipamentos, como internet, celulares, notebooks, dentre outros. Grande parte não tinha segurança em relação ao uso das ferramentas digitais para terem acesso à aprendizagem durante as aulas. Estas, além de outras, foram situações determinantes para a evasão.

Neste cenário, a realidade dos estudantes que frequentam esta modalidade de ensino passou a ser desafiadora. A ausência de acesso aos recursos digitais foram cruciais nesse processo. Apesar do uso de algumas ferramentas, como o whatsapp ter facilitado a comunicação e a democratização do acesso pela maioria da população, existem outros obstáculos, como a dificuldade de manusear aparelhos eletrônicos, sem esquecer a perda do poder de compra dos estudantes, em função de uma economia decadente no país.

Temos estudantes sem acesso à informática, que não sabem manusear um aparelho eletrônico ou concluir um comando simples, como responder um e-mail. Um dos maiores problemas com o ensino remoto é justamente a questão do acesso e uso da internet.

Para dificultar o processo da permanência dos estudantes, a desistência das aulas se deu por não saberem usar a plataforma eletrônica. Os desafios para os discentes foram se intensificando. Tornou-se, portanto, bem mais complicado acompanhar as aulas; isso porque os adultos que não são alfabetizados têm uma grande dificuldade com textos escritos.

As aulas agora, ministradas e diversificadas entre síncronas e assíncronas, ou seja, aulas “ao vivo”, feitas por reuniões em vídeo e aquelas onde o conteúdo da aula é gravado e disponibilizado aos estudantes só aumentou o drama deles. O que já era desafiador, de maneira presencial, na educação de jovens e adultos, agora as dificuldades se multiplicam em ambas as modalidades.

Torna-se, portanto, a responsabilidade das secretarias de educação assegurarem o vínculo com os estudantes para que os mesmos possam dar continuidade à aprendizagem, minimizando parte dos prejuízos pedagógicos acarretados pela pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de o contexto histórico mostrar o progresso da educação de jovens e adultos desde as primeiras iniciativas, observamos que essa modalidade educativa ainda possui muitos desafios a resolver; estes estão relacionados com a grade curricular, inadequação de livros e metodologias, falta de capacitação de alguns professores para atender a esses alunos, dentre outros problemas.

Aliada a estas dificuldades, a falta de investimento do governo e as dificuldades de acesso, principalmente a quase inexistência do uso das novas tecnologias no contexto escolar em muitas escolas, são empecilhos que precisam ser analisados para uma oferta de educação de qualidade para essa modalidade de ensino.

Mesmo com as adversidades, esforços vêm sendo feitos, país afora, para alcançar alunos de diferentes idades no sentido de disponibilizar atividades não presenciais para os estudantes e de materiais de subsídio pedagógico para os professores com diretrizes para reorganização dos calendários escolares e realização das atividades não presenciais pós retorno.

Em se considerando o momento pandêmico, aqui apresentado pelas fundamentações teóricas, cria-se a urgência de todos se adequarem às tecnologias digitais de Informação e Comunicação (TDIC). A pandemia criou oportunidades para docentes e discentes que não estavam acostumados a lidar com tais ferramentas como uma opção e os instigou a se apropriarem dos recursos tecnológicos de alguma forma. Mas, ainda assim, nem todos os docentes se propuseram a assumir pra si parte da responsabilidade no processo. Não se está nesse estudo, tirando a total responsabilidade dos órgãos responsáveis nos estados da federação sobre a EJA.

Embora já lidasse com as tecnologias digitais em determinados momentos, os docentes se depararam com a obrigatoriedade de se adaptar de modo radical a esses recursos. Lecionar, neste cenário, passou a ser um desafio diante de tantas incertezas sobre como viver o dia a dia. Diante disso, surge a necessidade de se reinventar a escola, as metodologias apropriadas com cautela para a educação de jovens e adultos.

A pandemia chegando ao seu controle e, com o retorno das aulas presenciais, os sistemas de ensino devem desenvolver canais de comunicação via internet entre os docentes, da mesma forma os estudantes. Fóruns, congressos e encontros devem ser a premissa para melhor se entender o que ficou depois que o período pandêmico tiver o seu desfecho.

As diversas secretarias de educação dos estados devem fazer reuniões sistemáticas com as coordenações das modalidades da educação para o acompanhamento da transição do ensino remoto para o presencial. Necessário também se faz dentro das iniciativas para a manutenção do vínculo dos estudantes com as escolas, um plano de retomada das aulas. Nesse sentido, a manutenção dos estudantes nas instituições, desde que sejam respeitados os protocolos sanitários e de biossegurança em todos os ambientes educacionais.

Assim, com conhecimento e responsabilidade, sem se deixar levar pelos apelos de alguns setores da sociedade que insistem em achar que sabem da ciência educação, trabalhando de maneira gradual e responsável, é possível um retorno presencial, no tempo certo para que os estudantes possam seguir com a sua escolarização.

REFERÊNCIAS

ANZORENA, Denise Izaguirre Zilma; BENEVENUTTI, Mônica Sansão. **Educação de jovens e adultos**. Indaial: Uniasselvi, 2013.

ARROYO, G. M. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L.; SOARES, L. (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 19-50.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. Salto para o Futuro: Educação de Jovens e Adultos. Secretaria de Educação à Distância, Brasília Ministério da Educação, 1999.

_____. PCN– Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais-Introdução. Brasília: MEC/SEF –1997. p. 84.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA)**. Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série: introdução / Secretaria de Educação Fundamental**, 2002.

_____. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos alunas e alunos da EJA**. Departamento de Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2006.

CUNHA, Conceição Maria da. Introdução - discutindo conceitos básicos. In: SEED-MEC, Salto para o futuro - **Educação de jovens e adultos**. Brasília, 1999.

CAMPOS, Edna Lúcia Ferreira. **A Infrequência dos alunos adultos trabalhadores, em processo de alfabetização, na Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2003.

DEBERT, G. G. A antropologia e o estudo dos grupos e das c categorias de idade. In: BARROS, M. L. de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Evasão na EJA: um desafio histórico. **Revista Educação & Formação**, vol. 5, núm. 1, 2020. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza-CE.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 185-204, 2010.

FILHO, Paulo Roberto Olinto; CRUVINEL, Cristina Lucia Calicchio Gonçalves. Educação de jovens e adultos: heterogeneidade nas salas de aula. **Revista de Iniciação Científica - UNIFEG**, Guaxupé - nº 15 – 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Renata Monteiro; SILVA, Marluce Pereira da. **EJA, diversidade e inclusão**: reflexões impertinentes. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, L. F. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.

LIBERALI, Fernanda Coelho (org.) et al. **Educação em tempos de pandemia**: brincando com um mundo possível. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

IRELAND, Timothy. Revista Nova Escola, Ed. 223, junho/2009.

LUCENA, Carlos; PREVITALI, Fabiane; BRETTAS, Anderson (Orgs.). **Pandemia Covid-19**: a distopia do século XXI. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza (org.). **Educação de jovens e adultos**: ações de consolidação da agenda. [recurso eletrônico]: Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

NASCIMENTO, A. C. T. A. de A. A Integração das Tecnologias às Práticas Escolares. In: **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil**: TIC Educação 2012. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013, p. 45-49. Disponível em: <<http://www.cetic.br/publicacoes/2012/tic-educacao-2012.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

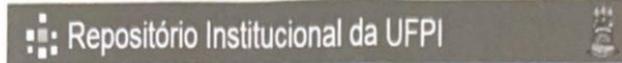
OLIVEIRA, Inês Barbosa; PAIVA, Jane (orgs.). **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

Organização pan-americana da saúde (Opas): **histórico da pandermia COVID 2019**. Brasília. Disponível em: Histórico da pandemia de COVID-19 - OPAS/OMS Organização Pan-Americana da Saúde (paho.org). Acesso em: 08 mar 22.

PALÚ, Janete; SCHÜTZ Jenerton Arlan; MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

RIBEIRO, Vera Masagão, JOIA, Orlando, PIERRO, Maria Clara Di. Visões da educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 55, novembro/2001. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf>. Acesso em 11 abr 2021.

ROSSI, Ednéia Regina; Elaine, RODRIGUES; NEVES, Fátima Maria (org.). **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2009.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA NO
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL - RI/UFPI

1. Identificação do material bibliográfico:

- Tese [Dissertação [Monografia TCC Artigo [Livro
 Capítulo de Livro [Material Cartográfico ou Visual [Música
 Obra de Arte [Partitura [Peça de Teatro [Relatório de pesquisa
 Comunicação e Conferência [Artigo de periódico [Publicação seriada
 Publicação de Anais de Evento

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Pedagogia

Programa de pós-graduação: _____

Outro: _____

Autor(a): Luana Mayara Lima Oliveira

E-mail: luana-mayara@hotmail.com

Orientador (a): Francisco José Dias da Silva

Instituição: Universidade Federal Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

Membro da banca: Cristiana Correa Teixeira

Instituição: Universidade Federal Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

Membro da banca: Romildo de Castro Araújo

Instituição: Universidade Federal Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Título obtida: 8.8
Data da defesa: 17/05/2022
Título do trabalho: "Educação de jovens e adultos: A exa-
ção escolar na Pandemia de Covid 19.

Agência de fomento (em caso de aluno bolsista): _____

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: []

Parcial: []. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____

.....

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Em atendimento ao Artigo 6º da Resolução CEPEX nº 264/2016 de 05 de dezembro de 2016, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, no Repositório Institucional (RI/UFPI), no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Picos Data: 15/05/2025

Assinatura do(a) autor(a): Luciana Mayara Lima Oliveira

* Texto (PDF); imagem (JPG ou GIF); som (WAV, MPEG, MP3); Vídeo (AVI, QT).